

**Márcia Amaral**

Universidade Federal de Santa  
Maria - UFSM  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7283-474X>  
Email:  
[marciafranz.amaral@gmail.com](mailto:marciafranz.amaral@gmail.com)

**Juliana Motta**

Universidade Federal de Santa  
Maria - UFSM  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2905-8946>  
Email: [ju.motta17@gmail.com](mailto:ju.motta17@gmail.com)

**Elise Souza**

Universidade Federal de Santa  
Maria - UFSM  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5124-2611>  
Email: [elise.as@hotmail.com](mailto:elise.as@hotmail.com)



Este trabalho está licenciado sob uma  
licença [Creative Commons Attribution  
4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**

Aos autores pertence o direito  
exclusivo de utilização ou reprodução

ISSN: 2175-8689

## Comoção pública e os testemunhos da destruição, da urgência e do sofrimento: De Mariana à Brumadinho

*Public commotion and testimonies of  
destruction, urgency, and suffering:  
from Mariana to Brumadinho*

AMARAL, M.; MOTTA, J.; SOUZA, E. Comoção pública e os  
testemunhos da destruição, da urgência e do sofrimento: De  
Mariana à Brumadinho. Revista Eco-Pós, v. 25, n. 2, 2022,  
p.24-47. DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27893

## RESUMO

Analizamos como o sofrimento é narrado nas primeiras 24 horas da cobertura de oito telejornais da Rede Globo nos rompimentos das barragens de rejeitos de mineração em Mariana (2015) e Brumadinho (2019) em Minas Gerais. Refletimos sobre o processo de comoção pública durante os desastres, constituído de várias camadas e fases de atenção, com ênfase nos testemunhos da destruição, da urgência e do sofrimento. Ao pesquisar um acontecimento em relação ao outro, há similaridades como a designação e caracterização, o uso de imagens da destruição e de vídeos amadores e algumas formas de ilustração do sofrimento via testemunhos. A cobertura do acontecimento de Brumadinho traz diferenciais em função da recorrência do desastre e de sua dimensão em perdas humanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Comoção; Desastre; Testemunho; Mariana; Brumadinho.*

## ABSTRACT

In this paper, we analyze the way suffering is narrated in the first 24 hours of coverage of eight TV broadcast news by Rede Globo on the collapse of tailings dams in Mariana (2015) and Brumadinho (2019) in Minas Gerais. We reflect on the process of public commotion during disasters, consisting of multiple levels and phases of attention, focusing on testimonies of destruction, urgency and suffering. When researching one event in relation to another, there are similarities like designation and characterization, the use of images of annihilation and amateur videos, and someways of illustrating suffering through testimonies. The coverage of the event in Brumadinho brings differentials due to the recurrence of the disaster and its dimension in human losses.

**KEYWORDS:** *Commotion; Disaster; Testimony; Mariana; Brumadinho.*

## RESUMEN

Analizamos cómo se narra el sufrimiento en las primeras 24 horas de cobertura de ocho telediarios de la Rede Globo sobre el colapso de las represas de relaves mineros en Mariana (2015) y Brumadinho (2019) en Minas Gerais. Reflexionamos sobre el proceso de conmoción pública durante los desastres, que se constituye de varias partes y fases de atención, con énfasis en los testimonios de destrucción, urgencia y sufrimiento. Al investigar un evento en relación al otro, existen similitudes como la designación y caracterización, el uso de imágenes de destrucción y videos amateur, y algunas formas de ilustrar el sufrimiento a través de testimonios. La cobertura del evento en Brumadinho trae diferenciales debido a la recurrencia del desastre y a su dimensión en relación a las pérdidas humanas.

**PALABRAS CLAVE:** *Conmoción; Desastre; Testimonio; Mariana; Brumadinho.*

Submetido em 20 de Junho de 2022

Aceito em 30 de Setembro de 2022

## 1. Comoção, força da imagem e testemunho do sofrimento

Para além da magnitude dos acontecimentos e das imagens espetaculares que monopolizam as coberturas televisivas nas primeiras horas após os desastres, o sofrimento causado por eles tem dimensões que transcendem o individual. Em um nível coletivo, um acontecimento pode ser denominado desastre enquanto o sofrimento perdurar de maneira ampliada, já que “O sofrimento social é aquilo que, em essência, define um desastre” (Valencio; Valencio, 2018, p. 20). Analisamos o processo de configuração jornalística dos rompimentos das barragens de rejeitos de mineração nas cidades de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), ambas em Minas Gerais, nas primeiras 24 horas da cobertura televisiva da Rede Globo. O objetivo é compreender como acontecimentos que já são desastrosos em si são narrados de maneira a causar comoção pública. Mapeamos algumas estratégias utilizadas pela cobertura, mencionamos a forma como os desastres são denominados e qualificados, pontuamos como foram usadas as imagens que reconstituem o cenário e dedicamo-nos, especialmente, às marcas de sofrimento nos testemunhos das vítimas. Explicamos, ainda, como o efeito de comoção modifica-se na cobertura de Brumadinho em relação à de Mariana.

Utilizamos as denominações “desastres de Mariana e de Brumadinho” tanto por serem as formas como os telejornais referem-se aos casos, como também para deixar clara a análise de um acontecimento em relação ao outro numa linha do tempo. Entretanto, compreendemos que essas designações geram incômodo junto às comunidades, pois não remetem à responsabilização da empresa Vale S.A., atrelando os rompimentos aos municípios em que as barragens foram construídas. Escrutinamos matérias no ápice dos dois desastres para compreender operações de efeitos de comoção. Partimos do pressuposto de que no telejornalismo, a comoção parte do aspecto imagético, central no regime de visibilização do sofrimento, e segue nos testemunhos das pessoas afetadas.

Trazemos Charaudeau (2010, p. 34) para afirmar que as emoções fazem parte do afetivo, mas não são redutíveis à sensação ou pulsão irracional: “as emoções são de ordem intencional”, são do universo afetivo, estão inscritas na problemática da representação e têm como base um julgamento de valor coletivamente compartilhado. É por isso que, segundo o autor, “podemos exprimir uma emoção sem querer comover e, no entanto, comover: podemos querer comover e

não conseguir” (2010, p. 34). Além disso, acrescenta que prefere utilizar a expressão “efeito patêmico”, que se dá pela identificação ou projeção (2010, p. 26). Assim, consideramos a emoção como um efeito visado, um efeito patêmico que “tem por objetivo engajar a instância da recepção num tipo de performance possível no mundo dos afetados, gerando ou não um posicionamento” (Mendes, 2010, p. 9). Pressupomos que há lugares privilegiados no qual este efeito se realiza, e o testemunho dos afetados é um *locus* importante desta mediação com a audiência. Uma especificidade do midiático, diz Charaudeau (2010a, p. 45), é que a referencialidade “é garantia do efeito de patemização: preciso saber que o sofrimento é realmente vivido [...] para que eu possa me sentir emocionalmente concernido”. Assim, informação e emoção estão imbricadas no processo de configuração da comoção.

A comoção é composta por várias camadas, etapas e circunscrições. Há uma comoção traduzida imediatamente em agitação, desordem e abalo que se dá entre os agentes sociais que vivem na área do desastre ou em seu entorno, e outros tipos de comoção instigados nas redes sociais e na cobertura jornalística. Essa ideia de perturbação já está presente, de certa forma, na etimologia da palavra comoção. Como pontua Freire Filho (informação verbal)<sup>1</sup>, de origem latina (*commotio*), “o significado estrito era pôr alguém em movimento ou agitar alguma coisa”. O autor ainda salienta que apesar do “significado elástico”, três conceitos são centrais na palavra comoção: movimento, impulso e abalo. Entre as muitas definições, destacamos o sentido levantado pelo autor que remete a evento tocante: “comoção também designa o impacto de acontecimentos que sensibilizam o público, que causam uma expressão na alma, a ponto de abalar os seus nervos, de alguma maneira tirar a rigidez da alma, sensibilizar, tocar”.

Em eventos extremos, é nas primeiras horas que ocorre a agitação pública e, portanto, há uma grande visibilidade do acontecimento. Somam-se aí tanto o fato de as coberturas jornalísticas se darem num tom de tempo real, quanto o fato de o próprio evento seguir se desenrolando e gerando uma tensão dramática. A comoção pública acerca de um acontecimento do tipo desastre é estimulada por algumas estratégias narrativas recorrentes, tais como a força das cenas de urgência e das imagens de destruição e a força do relato dos afetados. Ou seja, há a

---

<sup>1</sup> Fala do Prof. Dr. João Freire Filho (UFRJ), durante a Aula Inaugural “Genealogia das Comoções públicas: choque, mobilização e dessensibilização”, em agosto de 2021, no canal do PPGCOM-UFOP no Youtube. Disponível em: <https://bit.ly/3QJW70a>. Acesso em 19/05/2022.

apresentação imagética e sonora de um cenário devastado, por vezes somada a cenas que dão o efeito da urgência, seguidas da apresentação do testemunho do sofrimento das vítimas. Neste feixe de questões, residem: a) a urgência por ações que podem significar a conservação do ambiente ou a sobrevivência das pessoas; b) a atenção pelo espetáculo em si e c) a sensibilização do público ou da opinião pública via fruição, empatia, implicação e/ou mobilização.

A ascensão e queda da atenção pública de problemas sociais foi pontuada por Downs (1972) ao mostrar que um acontecimento tem diferentes etapas de atenção. Um acontecimento primeiro se “esconde” numa fase chamada de *Pré-problema*, em que o problema existe, mas não se tornou alvo de atenção pública e não é da ordem da evidência. Posteriormente, há a fase da *Descoberta alarmada*, em que os eventos são vistos como dramáticos e surgem os apelos da população para que ele se resolva, o que inscreve o acontecimento na ordem da urgência. Em seguida, vem a fase da *Percepção dos custos* para solucionar os problemas e as suas complexidades e, por último, o *Gradual declínio* do interesse, ou seja o pós-problema, quando o assunto entra em uma espécie de limbo. Inferimos que desde que as coberturas jornalísticas passaram a ser mais instantâneas, numa lógica de tempo real, o “dia do desastre” é o ápice da comoção pública, ou seja, é da ordem dos processos que geram comoção que ela seja instigada de maneira desordenada. A cobertura jornalística é desorganizada por um acontecimento limite que causa emergência, *frisson*, abalo e crise, e a apuração se dá por gotejamento e poracompassamento com os fatos. Sabemos que um desastre não inicia quando eclode, trata-se de um longo processo social, mas a comoção, a identificação, a solidariedade e ação concentram-se nesta fase e têm no relato do sofrimento seu ponto forte.

O tom testemunhal da cobertura é crucial para o efeito da comoção. Como lembra Peres (2016, p. 29), é “o “texto testemunhal [...] que indica aos leitores que o evento deve ser considerado real não exatamente porque o repórter esteve no local, mas porque reconstituiu o acontecimento pelo testemunho de terceiros e/ou a partir dos seus rastros”. Há, diz a autora, uma narrativa configurada por um efeito de presença em que são testemunhas o jornalista, as fontes e o próprio espectador. A presença imaginária no acontecimento se dá como em um palimpsesto, diz Peres: “somos enredados por sucessivas camadas de testemunhos que em última instância fazem com que seja possível algo como experimentar a experiência”. Essa aproximação é, também, responsável por despertar a sensibilidade do espectador.

É o modo como a presença física é construída no relato que nos orienta como leitores na posição de testemunha possível, de testemunha em potencial. Concordando com as leituras de Brand (2009) a respeito do testemunho midiático, podemos dizer que, nesse tipo de narrativa, a presença é evocada não como um comprovante de verdade, mas para nos colocar, se não como responsáveis, pelo menos sensíveis ao evento narrado (Peres, 2016, p. 33).

Os testemunhos contribuem com o reforço do sentido de veracidade e reconstituição do acontecimento, papéis que vão para além da função ilustrativa de vítimas ou testemunhas, habitualmente destinada a elas (Charaudeau, 2010b). Sustentamos que a experiência dos afetados participa do processo de construção da comoção pública. Estudos anteriores sobre coberturas de tragédias indicam o potencial desses relatos de experiência para além dos papéis usuais, na medida em que podem colaborar com a indicação de causas, o esclarecimento de pontos controversos e o questionamento de responsabilidades (Motta; Amaral, 2019). Entretanto, uma função recorrente dos testemunhos é a exposição do sofrimento.

O sofrimento pode ser traduzido em diferentes emoções, pode emergir na cobertura tanto numa dimensão da experiência individual, por intermédio de emoções como o medo, quanto por relatos mais ampliados a partir de emoções como a indignação que têm dimensões mais coletivas e políticas ao mencionar responsabilidades, injustiças ou direito à reparação. Ainda que possamos considerar a cobertura de desastres “emocional por natureza, tanto se for focada nas emoções dos indivíduos afetados pelas tragédias, como nas emoções coletivas da comunidade que reage às adversidades de outros como eles” (Pantti; Wahl-Jorgensen, 2007, p. 5, tradução nossa)<sup>2</sup> a emoção tende a ser potencializada quando a cobertura é televisiva, em virtude das características do meio, como a narrativa emocional (Coutinho, 2012), que se concretiza a partir de uma série de procedimentos. Gadret (2016, p. 171) argumenta que são “as qualidades estéticas da televisão que acionam a emoção como eixo de produção de sentidos”. A forma como a narrativa mobiliza sujeitos e articula as dimensões verbais e audiovisuais (planos, edição, som) pode introduzir, reforçar ou autenticar uma emoção. Chouliaraki (2009, p. 178) vai nessa mesma

---

<sup>2</sup> “Disaster coverage is emotional by nature, whether it focuses on the emotions of individuals directly affected by the tragic events or the collective emotions of the larger community reacting to the misfortunes of others like them”.

direção, ao pontuar que quando media o sofrimento, a TV sugere “um determinado horizonte moral, uma postura normativa” ao telespectador, induzindo o que ele deve sentir.

Desta maneira, cotejamos dois acontecimentos, observando como foram denominados e qualificados, como as imagens foram utilizadas para compor as cenas de destruição, inclusive com o uso de vídeos amadores. Todas estas camadas vão dando corpo ao relato do sofrimento das vítimas e inscrevendo a audiência, paulatinamente, no cenário do sofrimento. Forma-se um amálgama de estratégias midiáticas que buscam dar credibilidade, ao mesmo tempo em que capturam o telespectador para se comover ou se mobilizar.

O rompimento da barragem de Fundão, da empresa Samarco (subsidiária da mineradora Vale S.A.), ocorrido no dia 5 de novembro de 2015 em Mariana (MG), provocou a morte de 19 pessoas e é o primeiro caso analisado. É considerado “o maior desastre mundial em barragens de mineração, pelo volume vazado, pela extensão dos danos e dos prejuízos causados” (Serra, 2018, p. 22). Foram mais de 43 milhões de metros cúbicos de resíduos que atingiram o Rio Doce e seus afluentes e provocaram falta de água, bem como afetaram a sobrevivência de milhares de pessoas da região.

Pouco mais de três anos depois, a Vale S.A. volta a ser notícia pelo rompimento da barragem de rejeitos do Córrego do Feijão, ocorrido no dia 25 de janeiro de 2019, em Brumadinho (MG). Segundo caso analisado nesta investigação, o desastre provocou a morte de 270 pessoas e sete ainda seguem desaparecidas. Os números de Brumadinho tornam o caso o “maior desastre humanitário do Brasil” (Arbex, 2022, p. 271).

A investigação proposta coloca em destaque os artifícios utilizados pelo telejornalismo para dar conta da dimensão da destruição ambiental e do sofrimento humano, e o cenário imagético da devastação que ancora as marcas de sofrimento cristalizadas nos testemunhos.

## 2. Que sofrimento interessa e quem são as vítimas?

A escolha dos testemunhos convocados para a cobertura jornalística ocorre com base em valores sociais hegemônicos sobre quem deve ter visibilidade, ou seja, com base numa avaliação sobre: a gravidade do sofrimento, a pertinência de dar visibilidade a quem sofre e a possibilidade de este sofrimento mostrado causar comoção pública. As narrativas sobre o sofrimento são



chaves para criar um ambiente de comoção, mas Vaz (2012) nos mostra que nem sempre o sofrimento se constituiu em questão política na cultura ocidental, e que há, em cada época, a seleção de condições históricas para que o sofrimento seja considerado relevante e evitável. Em alguns períodos, o sofrimento era do âmbito do privado e da religião; na Modernidade, o sofrimento de estranhos transforma-se em questão política e pública, surgindo a possibilidade de uma ação transformadora.

Com isso, e ainda de acordo com Vaz (2014), algumas crenças passaram a ser definidoras para a ocorrência da compaixão. Esse sentimento só será experimentado se o observador julgar que o sofrimento do outro é grave, não merecido (o sofredor é inocente) e, ainda, se conseguir colocar-se no lugar dele. Por outro lado, se o observador “não reconhece a gravidade porque não considera o outro um igual, como um ser cujo sofrimento merece ser reconhecido” (Vaz, 2014, p. 88), a compaixão não se concretiza.

A cobertura midiática transita entre diferentes formas de visibilizar o sofrimento que passa mais ou menos pela articulação entre sofrimento e política. Na maioria dos acontecimentos do tipo desastre, o sofrimento é narrado por intermédio da noção de que poderia ser evitado, ressalta-se a inocência das vítimas e provoca-se a identificação da audiência com as vítimas a partir do sentimento de vulnerabilidade.

### 3. A categoria da vítima como mediador simbólico

O processo de violência a que são submetidas as vítimas por acontecimentos da magnitude de um desastre pode ser definido como “um trauma, experiência que não é assimilável no momento em que ocorre, é indizível, inenarrável, porque não pode ser simbolizada” (Sarti, 2011, p. 57). E é, principalmente, por meio da abordagem jornalística que o sofrimento ganha contornos de inteligibilidade e contribui para a construção simbólica não só da figura da vítima, como também do próprio acontecimento no imaginário social.

As vítimas não são criadas automaticamente pela ocorrência dos acontecimentos, mas por processos de construção sociais e históricos (Sarti, 2011) e emergem na narrativa jornalística como um “mediador simbólico entre a experiência subjetiva e a generalização social”



(Jimeno, 2010, p. 115). Por essa perspectiva, as vítimas somente serão consideradas como tal depois de obterem reconhecimento público de sua posição. Nesse ponto o jornalismo cumpre um papel relevante, tanto pela visibilidade que concede aos casos mostrados, como pelo modo como constrói e denomina as narrativas e posiciona as vítimas.

Hartog (2012, p. 10, tradução nossa)<sup>3</sup> defende que o ato de “nomear um acontecimento como traumático instaura uma relação de empatia com aqueles e aquelas que são vítimas dele”. Portanto, a fala dos afetados é um *lócus* onde o público se identifica e/ou se mobiliza, um ponto de apego em que a comoção “se realiza” de maneira privilegiada. Em razão de sua natureza emocional, o testemunho pessoal “conforma comunidades no sentimento [...] chamadas de comunidades emocionais” e “permite a identificação emocional, psicológica, entre pessoas dessemelhantes” (Jimeno, 2010, p. 99).

Peres (2016) pontua que o discurso testemunhal é lugar de identificação com o público, na medida em que a experiência dos afetados pode impactar os demais. Lage (2013, p. 74) também salienta essa potencialidade do testemunho. Embora o jornalismo utilize-o mais como “mera estratégia retórica para narrar acontecimentos”, esses relatos pessoais têm a capacidade de construir pontos de contato mais sensíveis com o público. A partir da perspectiva do sofrimento à distância, o autor salienta “o testemunho como o que funda um comum entre nós e sujeitos distantes, como o que nos aproxima ao mesmo tempo em que nos afasta do sofrimento dos outros”. O autor ainda pondera que essa possibilidade está atrelada ao regime de visibilidade da televisão, especialmente na capacidade de a TV convocar os espectadores a estabelecerem relações emocionais com aqueles que sofrem a partir de aspectos morais.

O discurso testemunhal, portanto, configura-se como um dos campos privilegiados para a conformação da comoção pública. Não apenas o conteúdo desse discurso como também a forma de enquadrá-lo contribuem para esse processo. O modo como são “descritas e colocadas em cena qualificam esses indivíduos, permitem-nos apreender valores relacionados a eles e propõem lugares às vítimas” (Serelle; Pinheiro, 2021, p. 100). Dessa forma, a exposição do

---

<sup>3</sup> “Designar un acontecimiento como traumático instaura una relación de empatía con aquellos y aquellas que son víctimas de éste”

sofrimento dos afetados na narrativa jornalística é um importante lugar onde se dá a identificação do público.

Não operamos, neste trabalho, na instância das fontes jornalísticas, em que pese um testemunho ser a fala de uma testemunha que, evidentemente, também é fonte. Tendo como pressuposto o potencial de identificação, sensibilização e mobilização, optamos por ir diretamente aos dois casos, sem cotejarmos como as diferentes fontes participam da construção da comoção. Por essa chave interpretativa, o debate é inscrito em outra ordem que nos possibilita analisar o processo de construção de operadores de comoção na cobertura jornalística dos casos.

#### 4. A comoção em camadas: denominação, imagens e testemunhos das vítimas

O *corpus* abrange as primeiras vinte de quatro horas de cobertura realizada pela Rede Globo, sobre os rompimentos das barragens de rejeitos em Mariana e em Brumadinho, ambos ocorridos em Minas Gerais, em 2015 e 2019 respectivamente. Para demarcar o início do período de 24 horas, partimos do primeiro telejornal a noticiar os casos. Por esse parâmetro, selecionamos oito telejornais. Cinco deles abordam o caso de Mariana (*JN, JG, H1, BB e JH*), e três o de Brumadinho (*JN, JG e JH*)<sup>4</sup>.

Após essa primeira triagem, identificamos características comuns entre as coberturas. Posteriormente, focamos nossa análise nas imagens acionadas para reconstituir a cena do desastre e enquadrar o testemunho dos afetados. Por fim, observamos a veiculação de vídeos testemunhais e de entrevistas com vítimas e testemunhas oculares. Consideramos que os espaços que privilegiam a experiência das pessoas sofredoras configuram-se como pontos sensíveis e predisõem a uma possível afetação e comoção do público.

Denominamos “vídeos testemunhais” os materiais gravados pelas próprias pessoas afetadas pelos acontecimentos, estejam elas em fuga ou ajudando no resgate de outras vítimas.

---

<sup>4</sup>A diferença no número de telejornais deve-se ao dia da semana em que os casos ocorreram. Como o rompimento da barragem de Brumadinho ocorreu em uma sexta-feira à tarde, parte do período de 24 horas transcorreu no sábado, dia em que o número de telejornais é reduzido (Hora Um e Bom dia Brasil não são exibidos). Os materiais foram coletados no repositório da emissora (Globoplay). Para identificação de origem das falas das vítimas, utilizamos como siglas as iniciais dos telejornais citados: *Jornal Nacional (JN)*; *Jornal da Globo (JG)*; *Hora Um da Notícia (H1)*; *Bom dia Brasil (BB)* e *Jornal Hoje (JH)*.

Consideramos “vítimas” os afetados pelos desastres, e “testemunhas oculares” as pessoas que presenciaram a irrupção do acontecimento ou o seu desenrolar. No telejornalismo, o espaço destinado para as fontes na reportagem é a sonora. Entretanto, nas coberturas de urgência, observamos que as rotinas produtivas são desestabilizadas e os formatos tradicionais, rompidos. Por isso, selecionamos toda e qualquer manifestação de vítima ou testemunha veiculada em qualquer formato, seja em sonora, em *sobe som* (apenas áudio ambiente)<sup>5</sup> ou em vídeo testemunhal. Essa distinção é aqui explicada com a finalidade de apresentar as nuances de testemunhos contidos no *corpus*. No entanto, para fins de análise todos eles são equiparados, já que nosso foco de interesse está na carga emocional das falas testemunhais independentemente do formato e categoria a que pertençam. Após, transcrevemos o texto que antecede a fala da vítima e a fala propriamente dita, separadas em sequências discursivas. Metodologicamente, tendo como referência as tópicas do discurso patêmico sistematizadas por Charaudeau (2009), identificamos as marcas ou traços presentes nas manifestações das vítimas e testemunhas acionadas para a construção de uma comoção pública.

Com base nos critérios elencados, mapeamos as duas coberturas e, ainda que não seja possível compará-las efetivamente, tendo em vista que são acontecimentos distintos e com condições de cobertura também bastante particulares, é possível relacioná-las. Observamos que as duas coberturas possuem alguns recursos similares que incentivam a comoção. Por outro lado, constatamos especificidades da cobertura do ocorrido em Brumadinho que talvez possam ser justificadas por ser um acontecimento recorrente. Embora as barragens de mineração sejam comuns em Minas Gerais, o rompimento delas iluminou campos problemáticos desconhecidos pela maioria dos jornalistas e também pela população.

#### 4.1. A denominação e qualificação dos acontecimentos

Os dois acontecimentos foram denominados nas primeiras horas como “desastres” e “tragédias”, embora posteriormente tenham assumido outras denominações por outros veículos

---

<sup>5</sup> Consideramos como *sobe som* o “momento no VT em que um áudio (uma música, um ruído, por exemplo) é inserido ou o seu volume é aumentado” (Gutmann, 2014, p. 345)

e agentes sociais, como “crime”. Embora não exista consenso sobre o conceito de desastre, o termo, usualmente, movimenta sentidos de uma crise causada por um elemento externo inevitável; mas, efetivamente, trata-se, conforme Valencio (2014), de uma crise de natureza sociopolítica viabilizada por diferentes vulnerabilidades.

Já a palavra “tragédia”, embora sua origem remeta à Grécia Antiga, contemporaneamente, é utilizada para designar “acontecimentos que levam pessoas ao sofrimento e à morte imprevista, fatos que irrompem com violência no curso da vida” (Ribeiro; Sacramento, 2014, p. 55). Desse modo, compreendemos que ao nomear os acontecimentos dessas formas, a cobertura aciona uma série de relações semânticas relacionadas aos termos, pontuando a forma como o telespectador deve olhar para tais casos: a partir de sofrimento, morte, caos e ruptura.

Também identificamos o *uso de qualificadores* no texto que demarcam a gravidade e a amplitude da devastação provocadas (são eles: 1. “*as imagens são impressionantes*”, 2. “*cenário de destruição total*” e 3. “*a lama destruiu praticamente tudo que encontrou pela frente*”), o detalhamento das consequências (são eles: 1. “*saiu destruindo a vegetação, cobrindo as casas e revirando muitos carros*”, 2. “*a lama se espalhou e chegou a uma distância de 60 km do local das barragens*” e 3. “*carros foram arrastados, este foi parar em cima de um telhado*”), e o uso de metáforas em relação à extensão e velocidade com que os rejeitos atingiram as comunidades (são eles: 1. “*verdadeiro tsunami de lama*”, 2. “*mar de lama*”, 3. “*rio de lama*” e 4. “*enxurrada de lama*”).

#### 4.2. *As imagens sensacionais*

O aspecto imagético tem grande relevância na configuração da comoção por visibilizar o entorno destruído, especialmente pelo *uso e a repetição de imagens aéreas que reforçam a magnitude dos acontecimentos*. Além de cenas das duas localidades completamente soterradas pelos rejeitos (cf. imagens 1 e 2), temos detalhes que destacam a força da “onda de lama”, como um carro em cima de uma casa em Mariana (cf. imagem 3), e outro virado no meio dos rejeitos em Brumadinho (cf. imagem 4).

**Imagens 1 a 4:** Imagens aéreas que reforçam a magnitude dos acontecimentos



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4

Fonte: *frames* capturados das edições do *Jornal Nacional* de 05/11/2015 e 25/01/2019 (GloboPlay)

Cenas como essas foram repetidas, exaustivamente, nas reportagens. Essa repetição, comum nos grandes acontecimentos, obedece tanto a uma lógica da escassez de imagem, quanto a uma estratégia de atestar o extraordinário e o sensacional. Além disso, de acordo com Dayan (2009), essa prática funcionaria como um "ritual terapêutico", na medida em que ajuda a controlar, de alguma maneira, o trauma coletivo. Nos dois casos analisados, tudo é superlativo: a área atingida, a lama que percorre quilômetros, as localidades que são soterradas. É esse apelo ao caráter sensacional e inimaginável de “*um vale cheio de sítios e vilarejos*” ter sido devastado por um “*mar de lama*” que o telespectador é incentivado a não só acreditar no que está vendo, mas a sentir. A comoção pelo choque das imagens é ainda reforçada pela comparação entre as cenas de antes e depois das comunidades, dando uma dimensão ainda maior da devastação.

Charaudeau (2010, p. 55) reflete que “quanto mais a imagem exerce sua função mostrativa (direta) e visualizante (primeiro plano), mais ela nos dá a ilusão de que o que vemos não pode ser senão ‘aquilo que é’”. Especificamente sobre a cobertura de desastres, Charaudeau (2006, p. 4) chama a atenção para as chamadas imagens-sintoma, ou seja, “uma imagem ‘já vista’

(...) que [nos] reenvia a outras imagens”. Também, complementa o autor, “é preciso que estejam cheias daquilo que mais sensibiliza os indivíduos: os dramas, as alegrias, as tristezas (...) a imagem deve remeter a imaginários profundos de vida”. Assim, não há dúvidas: mais do que a recorrência de um rompimento, as imagens das localidades cobertas de lama representam todo o sofrimento vivido pelas comunidades atingidas: a perda de seus familiares, de seus animais, de suas casas e de seu modo de viver.

Em contraposição às imagens profissionais feitas a partir de um helicóptero, estão as chamadas “imagens amadoras” gravadas com celulares pelas próprias vítimas ou testemunhas oculares. O recurso já estava em ascensão desde a década passada com a popularização dos dispositivos móveis (Becker, 2016). Assim, o padrão estético característico dos telejornais passa a dividir espaço com a “poética do registro amador”, das “imagens tremidas, com baixa qualidade [...], enquadramentos imprecisos e planos desfocados” (Gutmann, 2016, p. 213). Entretanto, na cobertura de tragédias essas imagens ganham outra característica definidora: o caráter testemunhal. Não se trata apenas de vídeos feitos por telespectadores, mas por vítimas. Os seis vídeos exibidos nos dois casos retratam o momento da fuga, o resgate de pessoas retiradas da lama e as consequências dos rompimentos. Enquanto gravam, as pessoas narram o espanto, a incredulidade e o desespero em escapar da onda de rejeitos.

É o caso das imagens gravadas por algum funcionário (não identificado) da barragem em Mariana, que relata a tentativa dele e dos colegas de fugir do local quando percebem a aproximação da água: “*Bora, Bora! Vai, Tiago! (...) Vai, Tiago, acelera! Tem um caminhão... Volta, volta, volta! Ô meu camarada, volta ou vira o caminhão. (...) Vira o caminhão e ‘racha o fora’. Volta, Zé! Volta, volta, volta! Vamo embora!*” (BB). Na cobertura de Brumadinho, observamos vídeo semelhante gravado por um operário que conseguiu fugir para um local mais alto. Ainda ofegante, ele fala: “*Meu Deus do céu! Vai, vai, vai... Sai, sai, sai, Ô véio, todo mundo que tá lá embaixo, com certeza, morreu*” (JN). Outro vídeo, com cenas ainda mais fortes, mostra o resgate de uma mulher dos escombros. Chorando e com as pernas presas em um amontoado de madeira, a mulher pede ao marido, que registra tudo pelo celular: “*Aqui, por favor, me puxa, me puxa*”, ao que ele responde: “*Calma, amor, já vamos puxar*”. A mulher segue implorando: “*Por favor, me*



*puxa, me puxa, pelo amor de Deus*”, e grita de dor na primeira tentativa de resgate. Ao fundo, uma voz diz: “*cadê o facão pra tirar um negócio aqui?*” (JH), e o vídeo é encerrado.

Mais do que uma forma de autenticação da realidade, esses vídeos testemunhais configuram-se como recursos de comoção, na medida em que revelam “a dimensão de afetação do acontecimento” (Carvalho; Lage; 2012, p. 45), ao ressaltar o que há de mais visceral e bruto na luta pela sobrevivência. Como já apontou a perspectiva *media witnessing*, a tecnologia ampliou as possibilidades de testemunhar, sem a necessidade de estarmos no local do acontecimento. Isto é, através das transmissões midiáticas, todos nós somos alçados à condição de testemunhas daquele sofrimento (Frosh; Pinchevski, 2011).

#### 4.3. O testemunho das vítimas

Essas consequências devastadoras, já reforçadas pelas imagens e pela descrição dos acontecimentos, ganham um ponto de cristalização no relato das vítimas que acionam uma série de sentidos e marcadores do sofrimento. Em outras palavras, é na fala dos afetados que a magnitude dos acontecimentos é concretizada. Nos acontecimentos analisados, os afetados correspondem ao perfil da vítima ideal, pois são cidadãos comuns ou trabalhadores da própria empresa que provocou o acontecimento. Portanto, suas manifestações passam a ser recursos importantes na configuração da comoção.

Nas duas coberturas, identificamos que a comoção é estimulada por meio do acionamento de cinco marcas ou traços que vamos denominar de tópicos: 1. “*estupefação pelo acontecimento*”, 2. “*urgência e desespero da fuga*”, 3. “*angústia pela falta de informações*”, 4. “*dor pelas perdas*”, e 6. “*alívio pela sobrevivência*”.

A presença da tópica “*estupefação pelo acontecimento*” mostra o choque das vítimas tanto pela irrupção das tragédias, quanto pelas consequências. Os relatos reforçam os aspectos mais sensacionais dos casos, como exemplifica a fala a seguir: “*A cena parecia um filme de terror que nós vivemos. Porque eu tava trabalhando, aí eu vi um barulho assim... parecia um helicóptero*” (Mariana – H1). Esse caráter espetacular também é observado na tópica da “*urgência e desespero da fuga*”, entretanto, neste caso, os relatos remetem às dificuldades de escapar da onda de



rejeitos e a luta pela sobrevivência: *“a gente saiu todo mundo correndo, e só deu tempo eu abrir somente a porteira da vaca pra deixar aberta e elas não pode correr; morreu vaca, morreu porco, morreu galinha, morreu tudo meus bicho”* (Brumadinho – JG).

A tópica da *“angústia pela falta de informações”* reforça a aflição de não saber onde estão os familiares vistos pela última vez na região do rompimento, por meio de manifestações como: *“Pessoa sai quatro e meia da manhã pra trabalhar igual ele. Uma hora dessas... até agora nenhuma notícia”* (Mariana – BB). Já a *“dor pelas perdas”* mostra o sofrimento provocado pelo rompimento das barragens, especialmente pela morte dos familiares e perda do modo de vida (casas, propriedades, animais). As falas desse grupo estão entre as mais sensíveis das coberturas: *“O que me dói, é a gente imaginar como que foi a reação, imaginando chegando assim até ela [faz gesto com as mãos em referência à aproximação da onda de rejeitos]. A reação dela... se ela conseguiu respirar ou o sufoco que tava passando. Isso dói muito, muito mesmo”* (Brumadinho – JH).

A última tópica compartilhada pelas duas coberturas é a de *“alívio pela sobrevivência”*. Diferentemente dos outros quatro casos, aqui a comoção se dá pelo sentimento de alívio e alegria de ter superado todos os infortúnios da tragédia, principalmente com o reforço dos aspectos trágicos: *“[repórter] E aí você conseguiu encontrar os seus filhos? [sobrevivente] Graças a Deus, nós conseguimos! [repórter] mas até então achou que eles... [sobrevivente] ... tinham morrido. [repórter] E o reencontro? [sobrevivente] Nossa! Foi só felicidade!”* (Mariana – BB), e *“E agradeço, na vida, hoje a Deus. Minha família, tudo esperando em casa... Cheguei [começa a chorar], foi a coisa mais importante da minha vida, vi meus neto, meus filho. Hoje eu poderia tá debaixo de um barro desses, sem saber o que tava acontecendo comigo”* (Brumadinho – JH).

As duas primeiras tópicas (*“estupefação pelo acontecimento”* e *“urgência e desespero da fuga”*) configuram-se como os principais marcadores dos primeiros momentos após as tragédias e carregam consigo a carga de sentidos predominante do sofrimento das vítimas diante da rapidez e violência dos acontecimentos, na medida em que reportam o espectador a uma espécie de reconstituição dos primeiros momentos de angústia na tentativa pela sobrevivência. O desespero inicial é rapidamente seguido por uma série de outras incertezas e dores que permanecem com o passar das horas, como a dor pela perda de amigos e familiares e a falta de informações sobre tantos outros desaparecidos. Os relatos de alívio por ter escapado da morte

também contribuem para o aspecto da comoção ao colocarem a alegria pela sobrevivência em contraste com o drama ainda vivido por muitas outras vítimas.

Os sentidos reunidos em todos estes relatos são observados nos dois casos analisados e conferem diferentes camadas de significação para a dor e angústia dos sobreviventes. Ao serem apresentados aos espectadores por meio das falas testemunhais e de imagens de impacto que reforçam as marcas corporais da tragédia, contribuem para o processo de construção da comoção pública ao inserirem a audiência gradativamente no cenário do sofrimento. É a tragédia que transborda no choro, no grito, no olhar apático para a destruição, na voz ofegante pela fuga, ou no corpo coberto de lama. E a cobertura demarca esses aspectos, não só por meio do reforço dessas marcas, como também pela personalização das vítimas, ao contar detalhes da vida dos afetados que podem gerar uma identificação com os telespectadores. Como pontua Lage (2016, p. 128), “os estados físicos e emocionais dos sujeitos são dimensões importantes do testemunho televisionado”.

## 5. Especificidades da cobertura de Brumadinho

Além dessas estratégias compartilhadas, observamos no caso do rompimento da Barragem Córrego do Feijão, a menção à recorrência do acontecimento, referimo-nos ao ocorrido na Barragem do Fundão, em Mariana. Afinal, são dois acontecimentos ocorridos no mesmo estado, com causas semelhantes, consequências impressionantes e envolvendo a mesma empresa. Essa relação é ressaltada na escalada do *Jornal Nacional* (25/01/2019), com a manchete: “*A memória de uma tragédia ressurge em Minas Gerais, três anos e 12 semanas depois do mar de lama de Mariana*”. Esse passado do acontecimento é demarcado, novamente, na cabeça da primeira reportagem da edição:

Uma enxurrada de lama fez o Brasil inteiro relembrar hoje a tragédia ambiental e humana registrada há pouco mais de 38 meses em Minas Gerais. De novo, em Minas Gerais. De novo, pelo rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração da Vale, que acabou provocando o transbordamento de outras duas barragens.

Na reportagem, são ressaltados os aspectos geográficos e temporais que unem os casos: “*Menos de 15 quilômetros e exatos 1.177 dias separam duas tragédias*”. Essa relação de

recorrência também se dá a partir da imagem. Assim, podemos pensar que a imagem de Brumadinho soterrado remete à imagem do distrito de Bento Rodrigues soterrado.

No caso de Brumadinho, observamos ainda outras três tópicas acionadas pelas falas das vítimas que não aparecem no primeiro caso: as tópicas do 1. *“desespero das buscas e resgates”*, 2. da *“afirmação da esperança”* e 3. da *“manifestação da indignação”*. Os relatos do desespero no momento da fuga que aparecem de forma destacada nos dois casos, no caso de Brumadinho são ampliado para um segundo momento: *o desespero das buscas e resgates das vítimas*. O sentido aparece não apenas nas imagens testemunhais das cenas do resgate da mulher que grita ao tentar ser retirada de onde está presa pelas pernas, como também na fala de quem tentou salvá-la: *“Assim que eu descí correndo, que eu cheguei, ela já tava toda prensada nos restos de construção, com a perna presa, gritando, chorando... E um monte de amigo nosso lá tentando tirar ela”* (JH). Ofegante e sujo de barro, um homem também reforça esse sentido de quem passou por momentos tensos ao tentar resgatar sobreviventes do desastre: *“Quando chegamo ali, paramo [sic] (inaudível). Meu irmão trabalha na pousada que tinha ali. [Repórter] O que aconteceu com você? [sobrevivente] Eu? Fui salvar a menina que tava precisando de ajuda lá na lama lá, no meio dos escombros”* (JN/JH).

Em meio à angústia e ao desespero diante do ocorrido, falas como *“eu tenho certeza que ele tá vivo. A gente tem esperança”* (JH) evidenciam o sentido de *“afirmação da esperança”* daqueles que ainda esperam notícias dos seus familiares. O terceiro e último marcador do sofrimento que aparece exclusivamente na fala das vítimas de Brumadinho é a tópica da *“manifestação da indignação”*. Nesse grupo, vemos manifestações carregadas de revolta, como mostra o exemplo:

É nosso sangue, são trabalhadores, são pessoas que saíram sete horas da manhã e deixaram as famílias aqui sem saber de nada. Nós precisamos saber o que nós vamos fazer, nós estamos com os braços e as mãos atadas porque ninguém tem informação. É um pouco caso o que eles tão fazendo com a gente (JG)

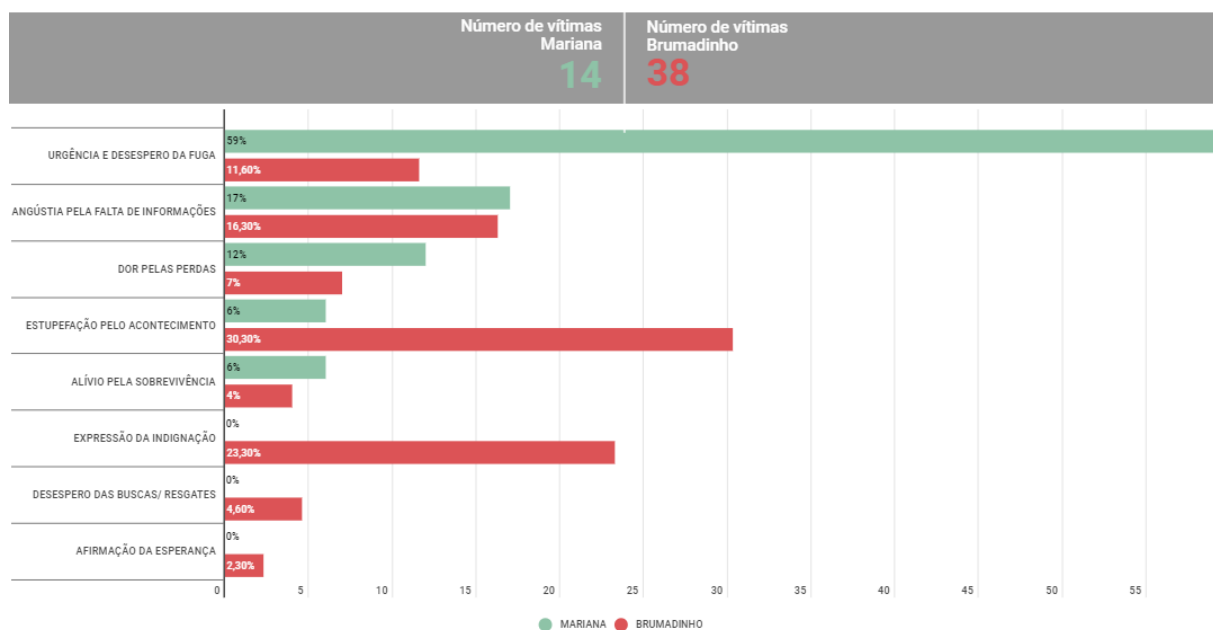
A *“manifestação da indignação”* está presente em vários momentos da cobertura do caso de Brumadinho, aparecendo não apenas em sonoras, como também em imagens registradas em tom de flagrante e cujo áudio ambiente é utilizado como *sobe som*. Em um desses momentos, uma mulher grita em um saguão, cercada por jornalistas: *“Se o meu marido não tem valor pra*

*vocês, tem pra mim! Ele é meu esposo, pai da minha filha, filho da minha sogra. (pausa). Ele é um simples funcionário de vocês, substituível, mas pra mim não é” (JH).*

## 6. Um balanço das duas coberturas

Depois da identificação dessas marcas narrativas, observamos também o grau de ocorrência de cada uma delas. Embora o aspecto quantitativo não possa ser visto de maneira absoluta em função da multiplicidade de fatores envolvidos em coberturas deste porte (como peculiaridades de cada acontecimento, contexto de outros acontecimentos no mesmo dia, horário dos desastres, tipos diferentes de destruição ambiental, número diferente de vítimas), ele nos auxilia a visualizar diferenças entre elas. A figura 5 mostra os índices de acionamento e evidencia as formas de ilustração do sofrimento privilegiadas pelas coberturas para estimular a comoção.

**Imagem 5 – Tópicos do sofrimento nas coberturas**



Fonte: autoria própria

Ao cotejar esses índices, observamos a diferença no enfoque priorizado em cada cobertura. Na de Mariana, dois marcadores predominam: “urgência e desespero da fuga” (59%) e “angústia pela falta de informações” (17%). Já na de Brumadinho, os sentidos mais frequentes são a “estupefação pelas consequências do acontecimento” (30,3%) e a “manifestação da indignação” (23,3%). Sugerimos que a recorrência do acontecimento e o grande número de mortes podem estar entre os principais motivos para que a expressão da indignação apareça de forma tão marcante na cobertura de Brumadinho. A repetição de um acontecimento dos mesmos padrões já ocorridos em Mariana provoca não apenas diferentes formas de comoção ainda mais exacerbadas, como também uma onda de indignação com essa reincidência. Percebemos a cobertura como um todo reiterando essa ideia por meio das imagens, das falas dos apresentadores, do texto das reportagens e das manifestações das vítimas.

A similaridade dos casos causou uma espécie de familiaridade com o problema não apenas entre os jornalistas – que enquadram o acontecimento em Brumadinho a partir do quadros interpretativos singularizados em Mariana – como entre as vítimas, que de certa forma vivenciam o sofrimento a partir de uma realidade que não se descola do primeiro caso.

### Considerações Finais

Os testemunhos da destruição, da urgência e do sofrimento são chaves recorrentes na cobertura dos desastres e geram comoção. Entretanto, cada cobertura tem suas especificidades a serem esquadrihadas. Nos casos analisados, chama-nos a atenção uma maior intensidade na cobertura do acontecimento de Brumadinho, em parte explicada pela relevância em relação ao número de vítimas.

Muitos são os recursos para gerar comoção, mas nas duas coberturas analisadas, os elementos imagéticos sensacionais da destruição, próprios da lógica televisiva, integram importantes movimentos. Não se trata de uma conclusão óbvia, tendo em vista que as características de cada acontecimento podem viabilizar maior ou menor apoio das imagens. Nos desastres analisados, por exemplo, os territórios afetados eram privados, o que provavelmente dificultou a obtenção de maior diversidade de imagens.

As narrativas de comoção se constituem nestes casos, portanto, por intermédio de categorias que aproximam os dois acontecimentos analisados, mas também por marcas que individualizam o que ocorreu em cada um deles. As marcas de urgência da fuga e desespero, tanto pelas perdas como pela falta de informações são as principais marcas de sofrimento nos momentos iniciais do rompimento ocorrido em Mariana. Salvar a própria vida e encontrar os familiares é a principal expressão de afetação das vítimas. Já nas primeiras horas do desastre ocorrido em Brumadinho, a expressão da indignação surge como um dos principais marcadores, refletindo uma outra forma de manifestação do sofrimento. Um desastre de moldes semelhantes ao do anterior está se repetindo, e o fato de estar sendo afetado por ele é a causa do sofrimento de muitas vítimas. A estupefação com o ocorrido aparece mais fortemente nos relatos de Brumadinho, talvez pela recorrência do desastre e pela quantidade de vítimas. O desespero por resgatar sobreviventes e os testemunhos de esperança aparecem em menor número, quantitativamente.

Ao irromper, o desastre em Mariana demandou um tratamento interpretativo sem nenhuma referência similar no âmbito nacional, embora o tema já fosse conhecido das populações que convivem com a mineração. Já no caso de Brumadinho, a precedência de Mariana contribuiu para a construção do quadro de sentidos que lhe conforma, dessa forma, vemos que a maior parte dos marcadores de sofrimento se repetem. No entanto, a própria recorrência do acontecimento faz com que outras formas de sofrimento sejam percebidas e enunciadas pelas vítimas, as quais se sentem duplamente violadas.

De maneira geral, a promoção do abalo, da agitação, da sensibilização e da identificação estão fortemente situadas no testemunho dos afetados. E o vínculo proposto com a audiência obedece à lógica de testemunhar à distância, a urgência e o desespero da fuga, a angústia por falta de informações e a dor pelas perdas. As narrativas do sofrimento, em diferentes imagens, tons e nuances emocionais, demonstram a afetação das vítimas e agem como impulsionadores do processo de comoção em torno do desastre. Assim, o jornalismo atua como intermediário entre o acontecimento e a comoção pública. Esses marcadores aparecem nas narrativas jornalísticas por meio de estratégias que podem levar tanto à ação, quanto à mera identificação ou, ainda, à estupefação e apatia do público ou da sociedade em geral.

### Referências bibliográficas

- ARBEX, D. *Arrastados: os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.
- BECKER, B. *Televisão e Telejornalismo: transições*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- BOM DIA BRASIL. 06/11/2015. Disponível em: <https://bit.ly/3wlPQzI>. Acesso em: 19/08/2022.
- BOM DIA BRASIL. 25/01/2019. Disponível em: <https://bit.ly/3PHzp7P>. Acesso em: 19/08/2022.
- CARVALHO, C.A.; LAGE, L. O acontecimento em novas estratégias de autenticação televisiva. *Ciberlegenda*, v. 2, n. 27, p. 34- 46, 2012.
- CHARAUDEAU, P. A televisão e o 11 de setembro: alguns efeitos do imaginário. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 1-10, 2006.
- CHARAUDEAU, P. Informação, Emoção e Imaginários a propósito do 11 de Setembro de 2021. In: DAYAN, D. *O terror espetáculo: terrorismo e televisão*. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 71- 86.
- CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E; MACHADO, I. L. (orgs.) *As emoções no discurso*. Campinas, SP, Mercado das Letras, 2010a.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2010b.
- CHOULIARAKI, L. O 11 de Setembro, a sua colocação em imagens e o sofrimento à distância. In: DAYAN, D. *O terror espetáculo: terrorismo e televisão*. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 173-192.
- COUTINHO, I. *Dramaturgia do Telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG*. Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 2012.
- DAYAN, D. Balanço de um percurso. In: DAYAN, Daniel. *O terror espetáculo: terrorismo e televisão*. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 407- 488.
- DOWNS, A. (1972). Up and down with ecology – the issue attention cycle. *PublicInterest*, 28(1), 38-50
- FREIRE FILHO, J. Genealogia das Comoções Públicas: Choque, Mobilização e Dessensibilização (palestra). YouTube do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 09 de agosto de 2021.
- FROSH, P.; PINCHEVSKI, A. *Media witnessing: Testimony in the Age of Mass Communication*. Basingstoke: PalgraveMacmillan, 2009.
- GADRET, D. A emoção na reportagem de televisão: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento. 2016. Tese - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.



GUTMANN, J. *Formas do telejornal: linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais*. Salvador: Edufba, 2014.

HARTOG, F. El tiempo de las víctimas. *Revista de Estudios sociales*, n. 44, p. 12-19, 2012.

HORA UM DA NOTÍCIA. 06/11/2015. Disponível em: <https://bit.ly/3QYHmXh>. Acesso em: 19/08/2022.

JIMENO, M. Emoções e política: A vítima e a construção de comunidades emocionais. *Revista Mana*, 16(1), p. 99-121, 2010.

JORNAL DA GLOBO. 05/11/2015 Disponível em: <https://bit.ly/3pCzY8c>. Acesso em: 01/08/2022.

JORNAL DA GLOBO. 25/01/2019. Disponível em: <https://bit.ly/3TjWD74>. Acesso em: 19/08/2022.

JORNAL HOJE. 06/11/2015. Disponível em: <https://bit.ly/3dI8U4J>. Acesso em: 19/08/2022

JORNAL HOJE. 25/01/2019. Disponível em: <https://bit.ly/3A7ZEyg>. Acesso em: 19/08/2022.

JORNAL NACIONAL. 05/11/2015. Disponível em: <https://bit.ly/3c84V1a>. Acesso em: 19/08/2022

JORNAL NACIONAL. 25/01/2019 Disponível em: <https://bit.ly/3Cm4w5R>. Acesso em: 19/08/2022.

LAGE, L. O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas. In: *Revista Contracampo*, v. 27, n. 2, p. 71-88, 2013.

LAGE, L. Testemunhos do sofrimento nas narrativas jornalísticas: Corpos abjetos, falas inaudíveis e as (in)justas medidas do comum. 2016. 218f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MENDES, E. Prefácio. In: MENDES, E; MACHADO, I. L. (orgs.) *As emoções no discurso*. Campinas, SP, Mercado das Letras, 2010.

MOTTA, J; AMARAL, M. Os lugares concedidos aos testemunhos nas narrativas televisivas de tragédia. In: BRUCK, M.; OLIVEIRA, M.; MORAIS, J. *Testemunhas e testemunhos do contemporâneo*. Belo Horizonte, PUC-MG, 2019.

PANTTI, M.; WAHL-JORGENSEN, K. On the political possibilities of therapy news: Media responsibility and the limits of objectivity in disaster coverage. *Estudos em Comunicação*, v.1 – p. 3 a 25. 2007.

PERES, A. C. Jornalismo: testemunha lacunar da história. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v.18, n.1, jan./jun. 2021..

RIBEIRO, A. P.; SACRAMENTO, I. Jornalismo e Histórias de vida: o trágico e o melodramático na cobertura televisiva do incêndio da boate Kiss. In: FREIRE FILHO, J., COELHO, M. (Orgs). *Jornalismo, Cultura e Sociedade: Visões do Brasil contemporâneo*. Sulina, 2014.

SARTI, C. A vítima como figura contemporânea. *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, n. 61, p. 51-61, 2011.

SERELLE, M.; PINHEIRO, C. Representações da vítima no jornalismo narrativo contemporâneo sobre Catástrofes. *Brazilian Journalism Research*, Brasília -DF - Vol. 17 - N. 2 - agosto - 2021.

SERRA, C. *Tragédia em Mariana: a história do maior desastre ambiental do Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

VALENCIO, N. Desastre como Prática Sociopolítica de Solapamento da Segurança Humana. In: DO CARMO, R.; VALENCIO, N. *Segurança Humana no Contexto dos Desastres*. São Carlos: Editora RiMA, 2014, p. 15-44

VALENCIO, N.; VALENCIO, A. O assédio em nome do bem: dos sofrimentos conectados à dor moral coletiva de vítimas de desastres. *Revista Lumina*. Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 12, n. 2, p. 19-39, mai./ago. 2018.

VAZ, P.; CARDOSO, J. M.; FELIX, C. B. Risco, sofrimento e Vítima Virtual: a política do medo nas narrativas jornalísticas contemporâneas. *Contracampo*, Niterói, n. 25, p. 24-42, dez. 2012.

VAZ, P. A compaixão moderna e atual. In: FREIRE FILHO, J.; COELHO, M. G. (orgs). *Jornalismo, cultura e sociedade: visões do Brasil contemporâneo*. p. 73- p.98 2014.

---

### **Márcia Amaral**

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, pesquisadora do CNPq, membro do Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo (UFSM/CNPq), doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS.

Email: marciafranz.amaral@gmail.com

### **Juliana Motta**

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Jornalista, doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e membro do Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo (UFSM/CNPq).

Email: ju.motta17@gmail.com

### **Elise Souza**

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Jornalista, doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista Capes, membro do Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo (UFSM/CNPq).

Email: elise.as@hotmail.com